

**NOS DOIS BRAÇOS DO MESMO RIO:
A TRAVESSIA INTERIOR NA POESIA DE ADÉLIA PRADO E
EM CONFISSÕES DE SANTO AGOSTINHO**

Davi Chang Ribeiro Lin
Doutorando em Teologia - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE)
CAPES | PROEX
E-mail: davichangbh@gmail.com

Resumo:

Para além de um deslocamento geográfico, travessia é metáfora da transformação da subjetividade. Agostinho de Hipona (354-430) descreve em sua obra *Confissões* a travessia de sua vida interior. *Confissões* é uma autobiografia da transformação de um sujeito autocentrado que se reconhece como criatura dependente em conversão à graça de Deus. Se Agostinho materializa a abertura relacional em direção à transcendência por meio da confissão, a poetisa mineira Adélia Prado utiliza do esvaziamento existencial na experiência poética para dar corpo à sua travessia. Adélia assume a condição de criatura, de pobreza, que no ordinário da vida cotidiana permanece diante do Mistério. Teologia com poesia e poesia com teologia: ambos sinalizam que poética e a mística têm origem comum, movimento em direção à mesma fonte, como dois braços de um mesmo rio direcionados ao infinito.

Palavras-chave: Travessia. Adélia Prado. Santo Agostinho. Transcendência.

Introdução: dois barqueiros da travessia interior

O conceito de travessia pode ser descrito como um deslocamento entre dois pontos, que se caracteriza por um percurso com um ponto de partida, um caminho e uma chegada. Para além de uma travessia geográfica, com embarcações e paisagens exteriores, travessia descreve uma jornada interior. É metáfora da condição humana, da transformação da subjetividade, dos percursos de uma travessia interna. Segundo Agostinho de Hipona, o ser humano é chamado a um contato mais profundo com seu íntimo e se deslumbrar com seu mundo interior, “os homens vão admirar os cumes das montanhas, as ondas do mar, as largas correntezas dos rios, o oceano, o movimento dos astros, e deixam de lado a si mesmos e não se admiram” (AGOSTINHO, *Conf.*, X, viii, 15).

Christoph Theobald (2006, p. 73, 153) descreve a passagem existencial humana que é possibilitada pela proximidade com pessoas reveladoras, “barqueiros”, que dão sentido à travessia da vida interior. São pessoas que confiam no mistério da própria existência e nos propõe uma nova maneira de habitar os sentidos que a vida apresenta. Saindo da multidão

indiferenciada para uma trajetória rumo à interioridade, o espaço da singularidade, esses barqueiros convidam a uma travessia ao outro lado: “esses ‘reveladores’ desejam que aqueles e aquelas cujo caminho é por eles cruzado possam chegar ao fundo da experiência de ‘revelação’ que lhes é destinada” (THEOBALD, 2006, p. 153).

Este artigo aborda Agostinho de Hipona e Adélia Prado como dois barqueiros que permitem a travessia da vida interior. Se Agostinho materializa a abertura relacional em direção à transcendência por meio da confissão, a poetisa mineira Adélia Prado utiliza do esvaziamento existencial na experiência poética para dar corpo à sua travessia. Ao tecerem os fios de sentido unindo textos a acontecimentos (*ibidem*, p. 153), Agostinho e Adélia Prado invocam em nossa humanidade comum uma atenção à interioridade em contato com a transcendência. Ambos propõem aos ouvintes uma travessia rumo a um modo alternativo de habitar o real considerando a dimensão do Mistério.

1 A travessia interior de Santo Agostinho

Agostinho de Hipona (354-430) foi um bispo católico no norte da África no fim do século IV, um dos mais influentes teólogos da história do cristianismo. Agostinho escreve por volta do ano 397 sua aclamada obra *Confissões*, autobiografia espiritual de um homem de meia-idade. Segundo Peter Brown (2015, p.205-206), *Confissões* é o manifesto do mundo interior, a narrativa dos afetos, a história do coração de Agostinho. É, portanto, travessia de sua vida afetiva em direção ao amor de Deus, uma conversão da vida interior. Esta travessia é caracterizada por três dimensões principais: uma existência finita marcada por um desejo de transcendência (humano-existencial), pela ação de Deus em convertê-lo para si (teológica) e por um radical descentramento diante de um Outro (relacional-confessional).

A primeira dimensão da travessia interior de Agostinho é a humana-existencial: uma antropologia dramática permeada por desejo infinito em uma existência inquieta. Segundo Agostinho, na natureza humana há um impulso que o faz aspirar pelo um sumo bem. Na antropológica agostiniana, como observa Johannes Brachtendorf (2008, p. 42), o ser humano não perdeu o desejo da felicidade, mas o conhecimento explícito do bem que realiza este desejo. O real sentido da vida, portanto, é misterioso e oculto aos olhos: o ser humano é a si mesmo um mistério insondável. Além de não compreender os segredos de sua dinâmica interior e desconhecer seu destino transcendente apesar de desejar-lo, o ser humano é cindido na força da vontade para aspirar ao sumo bem quando este é reconhecido.

A inquietude faz um ser humano apegar-se a diferentes criaturas em busca de sentido, mas, se a procura exteriormente, permanece fora da verdade interior.³ Ao descrever sua busca, Agostinho (*Conf.*, II, ii, 2) avalia os bens terrenos, que, por não serem estáveis, se tornam sementes de sofrimentos estéreis, um inquieto esgotamento que não cumpre suas aspirações. Como o desejo que o acompanha é maior que o objeto pretendido, Agostinho se vê obrigado a renovar continuamente suas preferências (PIERETTI, 1998, p. 334). Como explica Brachtendorf (2008, p. 42) “Na descrição da história de sua vida, Agostinho mostra como ele, cego para o sumo bem verdadeiro e incapaz de aspirar a outra coisa que não honra e prazer, procurou sua felicidade nas coisas transitórias e não encontrou quietude até seus olhos se abrirem para Deus e ele aprender a amá-lo.”

A antropologia Agostiniana apresenta o ser humano marcado pela finitude e desejoso de conectar-se com seu destino transcendente. Como sugere Pieretti (1998, p. 349), *Confissões* reafirma uma deficiência ontológica penetrada por uma exigência de perfeição e plenitude. O homem que Agostinho quer conhecer não é abstrato, genérico e desencarnado, mas um humano desejante em uma concretude histórica e realidade existencial, (PIERETTI, 1998, p. 331) que busca um contínuo aprofundamento de sua experiência.

A segunda dimensão da travessia interior de Agostinho é a teológica, a ação de Deus em transformar, converter e direcionar o itinerário do coração humano. O termo *Conversio* ou *Convertere* no latim clássico carregava o sentido de mudança de religião ou doutrina filosófica, ou a mudança no comportamento. Em Agostinho, *conversio* significa a orientação geral da alma em direção ao divino, indica-se o ato de retornar a Deus, não por reflexão filosófica, mas por imitação da humildade de Cristo (OROZ RETA, 2009, p. 239, 241). Agostinho reforça a iniciativa divina ao chama-lo para si: se houve um passo do filho em direção ao retorno para casa, é porque antes houve um chamado, e uma voz que o atraiu e o buscou. Agostinho relê sua trajetória através das lentes da parábola do filho pródigo do Evangelho de Lucas: “insisti em apoderar-me de boa parte da minha herança, e não quis confiar-te minha força, mas afastei-me de ti para uma região longínqua a fim de tudo dissipar em paixões luxuriosas.” (AGOSTINHO, *Conf.*, IV, xvi, 30).

Se na conversão há um estado de afastamento, um período intermediário de crise e um retorno à ordem e a unidade, em *Confissões* de Agostinho a ênfase do processo de conversão

³ Agostinho achou no neoplatonismo uma base filosófica para compreender o dinamismo da vida interior. Na tradição neoplatônica de Plotino, a alma tende a perder sua identidade e permanece cindida ao voltar-se pra fora. Porém, em Agostinho, ao contrário da alma arquetípica e cósmica de Plotino, a alma está em um campo de forças no interior de cada homem, uma fraqueza angustiante diante da queda pessoal, a errância de um coração inquieto (BROWN, 2015).

recai sobre a intervenção de Deus, como presente e mistério da graça. O hiponense reconhece que a essência da conversão é o presente divino, uma decisão fundamental de Deus. É a interferência divina e não a vontade humana que afasta a alma de suas inclinações. Agostinho alude ao chamado da graça como o elemento fundamental da conversão, movimento divino que gera no ser humano uma resposta humilde. “O que fizeste, ó homem, para que te convertesses a Deus e merecesses sua misericórdia? [...] nos separamos de Ti e se Tu não nos retornar a Ti, nunca nos converteremos” (AGOSTINHO, *en. Ps.* 84.8, 74.9).

A terceira dimensão da travessia interior de Agostinho é a dimensão relacional-confessional. A autobiografia de Agostinho não é meramente narrativa de fatos, mas um diálogo contendo uma descrição intencional de uma proposta relacional, a posição humana de humildade e esvaziamento na relação com o Criador. Como consequência de um coração inquieto que ouviu o chamado daquele que converteu a sua vida interior, estabelece-se uma relação de humildade e vulnerabilidade.

Agostinho materializa a abertura relacional dependente e vulnerável por meio de um duplo movimento confessional, contendo dois sentidos principais: primeiramente a confissão da sua miséria e pecados e, posteriormente a confissão de louvor à grandeza de Deus. Agostinho descreve a confissão do homem que geme e a confissão do homem que louva. Segundo Pickars (2013, p. 31), ao tomar consciência profunda de seu pecado, o confessante se volta para o Deus que liberta, e por receber maior libertação, o movimento consequente é louvor e ação de graças. Ao reconhecer a profundidade de seu pecado seguido da grandeza da obra libertadora, Agostinho faz da sua vida um canto de louvor.

O movimento confessional permite a passagem da vida interior autocentrada para um esvaziamento em direção a um centro relacional amoroso. Confissões é uma autobiografia da conversão de um sujeito que, previamente vivendo de modo autocentrado, se reconhece como criatura dependente diante da graça de Deus. Ciente da cisão de sua vontade, Agostinho invoca a Deus para uma contínua conversão de sua vida interior. Mesmo no fim de sua vida, diante da polêmica anti-pelagiana, Agostinho afirma uma antropologia dramática, reforçando a necessidade de um mediador, e, portanto, a contínua resposta a uma relação amorosa.

2 A travessia interior em Adélia Prado

Adélia Prado é uma aclamada poetisa mineira nascida em Divinópolis. Sua obra é atravessada por uma fé viva, pela experiência transcendente habitando o ordinário do cotidiano. Para Adélia, a experiência poética e a mística nascem de uma origem comum, da mesma fonte, direcionadas a transcendência como braços de um mesmo rio. A linguagem do

poema e linguagem da mística são linguagens puramente expressivas, conectadas a um elemento de transcendência que é por constitutivamente religioso (PRADO, 1999, p. 27-29). A poesia tem um centro de sentido que envolve a beleza de sua forma, mas também aponta para além de si mesma, como sinal e evidência da “beleza tão antiga e tão nova” que o ser humano insiste em amar tardiamente (AGOSTINHO, conf., X, xxvii, 38).

Podemos reconhecer que a concepção de travessia interior em Adélia tem três características principais que se assemelham a concepção de travessia interior de Agostinho, contendo os mesmos elementos existenciais, teológicos e relacionais. A concepção de travessia interior em Adélia Prado em sua dimensão humana-existencial remete a visão da vida como um vale de lágrimas (sertão) marcado por um desejo de transcendência. A dimensão teológica é uma materialização em poesia da doutrina da encarnação fecundando a experiência cotidiana, o Mistério divino se fazendo carne no ordinário da vida. E a dimensão de esvaziamento relacional é a resposta humilde que se reconhece na condição de criatura e permanece diante do Mistério. A vida simples e cotidiana se torna lugar privilegiado para reconhecer e aderir à transcendência a partir de uma pobreza existencial.

A primeira dimensão da travessia interior em Adélia Prado, a existencial, remonta à ideia da vida como vale de lágrimas. O ser humano é marcado por uma orfandade radical, lançado em uma jornada de sofrimento, mas também se move em direção à transcendência, ao tesouro, ao centro da vida. Adélia descreve seu primeiro livro com título *Bagagem*, evocando o essencial, o ouro, a pérola, que carrega na viagem e do qual não se pode abrir mão (NAVARRO, 2009, p. 47-48).

Uma importante influência pra compreender a dimensão existencial de travessia interior em Adélia é sua leitura de João Guimarães Rosa, em Grande Sertão Veredas. Travessia é a última palavra desta obra: a vida é compreendida como travessia em meio ao sertão. A vida é vale de lágrimas, mas as construções humanas como a arte e a filosofia buscam superar os limites diante de horizontes restritos. Como ressalta Navarro (2009, p. 31) tanto no texto de Guimarães Rosa e em Adélia Prado há uma convergência de vincular a uma travessia geográfica a uma travessia ao interior da pessoa de onde emergem autoconhecimento e encontro com a identidade.

O segundo aspecto da travessia interior em Adélia Prado é a dimensão teológica. Em Adélia a transcendência habita o corpo do poema. Como Deus se fez carne, materializando-se na realidade corpórea humana, a epifania da transcendência habita o limite do corpo em sua imanência. A poesia adeliana se insere nesta mútua interdependência entre materialidade e transcendência, como ressalta Bingemer (2015, p. 255):

Deus e a poesia se confundem e um é o nome da outra e a outra revela o nome do Um. Falar de um é falar da outra e vice-versa. E este giro poético é comandado por uma dinâmica erótica e amorosa na qual os parceiros são carregados pelo amor que os possui e pelo qual são tomados.

É em fraqueza, limite e na experiência mais simples e cotidiana que Adélia materializa na poesia o caminho de salvação, o modo poético da encarnação do Cristo. O poema se torna a concretude de uma experiência religiosa:

Quando eu tenho uma experiência de natureza poética, ela pede um corpo tangível, para que seja guardada e experimentada por mim mesma outra vez, ou pelo outro: a concretude é o poema. E a poesia, no caso, é pura expressão, ela não vai conotar a experiência, ela não vai denotar, ela exprime a experiência e só. É religiosa e de novo me escapa, denota uma ordem e uma beleza que me transcendem e que estão constantemente além (PRADO, 1999, 19).

A terceira dimensão da travessia interior em Adélia Prado é um esvaziamento relacional. Adélia assume a condição de criatura, de pobreza, que no ordinário da vida cotidiana permanece diante do Mistério. A travessia interior em Adélia enxerga a transcendência na humilde experiência de esvaziamento:

É um esvaziamento, uma humildade diante do Mistério; não é ferramentinha da minha cabeça não. A única coisa que eu acho que é preciso fazer, e isso também não é invenção minha, é um conselho da mística, é você se despojar e cair na mais absoluta pobreza, uma pobreza diante do Mistério (PRADO, 1999, p. 25-26).

Conclusão: confluências da mística e a poética

A poesia de fundo salmístico, como experiência confessional a serviço de uma travessia interior, interliga as obras de Adélia Prado e Agostinho de Hipona. A obra de Adélia é teopoética e Agostinho faz teologia poeticamente: Confissões são citações de salmos bíblicos, poesia nascida do coração das Escrituras. O hiponense nunca se permitiu fazer teologia meramente cerebral, mas se preocupava em escrever de modo vital. No poema *Bendito*, Adélia capta a essência da confissão agostiniana, do ser humano vulnerável que geme diante de suas contradições, mas que ouve o galo cantar três vezes ao seu socorro e, ferido pelo amor, precisa realizar uma confissão de louvor.

Bendito

Louvado seja Deus, meu senhor
Por que meu coração está cortado a lâmina
Mas sorrio no espelho ao que
À revelia de tudo se promete [...]
Louvado sejas por que eu quero pecar
contra o afinal sítio aprazível dos mortos,

Violar as tumbas com o arranhão das unhas,
Mas vejo a tua cabeça pendida
e escuto o galo cantar
Três vezes em meu socorro.

Se a “bagagem” de Adélia é o fundamento do percurso em direção ao mais precioso, em Agostinho também há uma bagagem. O termo em Confissões que mais se aproxima da bagagem de Adélia é peso do amor. O amor é o peso que direciona a alma em sua travessia e leva a leva até o lugar que a corresponde (AGOSTINHO, *conf.*, XIII, ix, 10). Assim como na poesia de Adélia, Confissões de Agostinho é a descrição da travessia interior de um coração inquieto, com seus desencontros, crises, e retorno em direção à pérola preciosa do um centro relacional. Esta parece ser também a leitura que a própria Adélia faz de Confissões:

Todo movimento humano, consciente ou não, está em busca do outro que me completa, aquele que me manda calar a boca e que me sossega. Santo Agostinho: ‘meu coração não se aquieta enquanto não descansa em Ti’. Que ‘ti’ é esse? Ele foi um homem, uma grande amante, que conhecer o amor humano, falou: ‘ tudo palha, tudo palha’ (PRADO, 1999, p. 31).

Agostinho e Adélia Prado reconhecem que pobreza existencial é recusar ter uma interpretação absoluta do mundo a partir de si mesmo. Quando alguém se despoja da própria opinião e visão, esse vazio se torna o grande “lugar” da mística (PRADO, 1999, p.26). Teologia com poesia e poesia com teologia, interligados por elementos humano-existenciais, teológicos e relacionais: Adélia Prado e Agostinho de Hipona sinalizam que poética e a mística têm uma origem comum, um movimento humano nascido da mesma fonte, como braços de um mesmo rio em direção ao infinito:

No céu
Os militantes
Os padecentes
Os triunfantes
Seremos só amantes.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões. (conf.)* São Paulo: Paulus, 2014.
- _____. *Enarrationes in Psalmos. (en. Ps).* Disponível em <openlibrary.org/works/OL137864W/Enarrationes_in_Psalms>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- BINGEMER, Maria Clara. *Teologia e Literatura: afinidades e segredos compartilhados.* Petrópolis: Vozes, 2015.
- BRACHTENDORF, Johannes. *Confissões de Agostinho.* São Paulo: Loyola, 2008.
- BROWN, Peter. *Santo Agostinho: uma biografia.* Rio de Janeiro: Record, 2015

- NAVARRO, José Francisco. *La mística de cada día: poesía de Adélia Prado*. Lima: Fondo Editorial, 2009.
- PINCKAERS, Servais. *Em busca de Deus nas Confissões: passeando com Santo Agostinho*. São Paulo: Loyola, 2013.
- OROZ RETA, José. *Conversion*. In: FITZGERALD, Allan (Ed.). *Augustine through the ages: an encyclopedia*. Grand Rapids: Eerdmans, 2009.
- PIERETTI, Antonio. *Doctrina antropológica agustiniana*. In: OROZ RETA, José e GALINDO RODRIGO, José A. *El pensamiento de San Agustín para el hombre de hoy: la filosofía agustiniana*. Valencia: EDICEP, 1998.
- PRADO, Adélia. *Arte como experiência religiosa*. In: MASSIMI, Marina e MAHFOUD, Miguel. *Diante do Mistério*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 15-32.
- _____. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *Oráculos de maio*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- THEOBALD, Christoph. *A revelação*. São Paulo: Loyola, 2006.